

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175- 974X

**criação em processos+
creation in processes**
sem 2 - 11

Como citar este texto: NÉSPOLI, E.; ALMEIDA, L.; SALAS, T. Poéticas, sonoridades e processos colaborativos. Entrevista. **V!RUS**, São Carlos, n. 6, dezembro 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus06/?sec=2&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 00 m. 0000.

Poéticas, Sonoridades e Processos Colaborativos

Eduardo Néspoli, Lucas Almeida e Thiago Salas

Começamos uma conversa com os integrantes do AQUARPA. Projeto do Laboratório de Construção de Instrumentos Musicais do Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o grupo integra instrumentos musicais experimentais, improvisação musical, vídeo e tecnologia digital. Os integrantes desenvolvem instrumentos musicais acústicos, eletrônicos e digitais, interfaces digitais de vídeo improvisação, e criam performances em som e vídeo.

V!RUS 06: Dentre os muitos processos de criação, tema dessa edição da V!RUS, interessam-nos especialmente processos coletivos como o de vocês. Gostaríamos de começar procurando entender como o Aquarpa faz, traçando uma relação entre o trabalho do Aquarpa e os princípios dos processos criativos na área de produção sonora.

Eduardo Néspoli: No Aquarpa, trabalhamos com a ideia de Arte Sonora, improvisação musical contemporânea, e relações sinestésicas entre imagens e sons. Os trabalhos são realizados em sessões de criação de instrumentos e, posteriormente, em improvisações livres. Elas se tornam, pouco a pouco, improvisações com roteiros, os quais são desenvolvidos por meio da participação dos músicos.

A imagem coopera bastante. Não "decoramos" uma sequência de improvisação, mas, sim, um espaço de improvisação, com diversos sons, acionados e expressados coletivamente em tempo real. É um espaço poético, que chamamos de cenários sonoros. Por exemplo, em Mnemorfoses, ocorrem três cenários com poéticas distintas. A primeira delas, trata de sons estridentes, metálicos, e as imagens são de tecnologias mecânicas, engrenagens, ferro, etc.. São usados instrumentos de cordas de metal e um metalofone.

Lucas Almeida: Os princípios que tomamos para que o processo criativo se efetue no grupo são diversos. Entretanto, na maioria das vezes, partimos da experimentação dos instrumentos que confeccionamos para, em seguida, selecionar gestos e timbres e com isso definir os momentos da improvisação, para que haja forma dentro da linguagem que propomos.

Thiago Salas: Arte sonora é como vêm sendo chamadas essas propostas de trabalho multidisciplinar com o som. Estamos trabalhando com a hibridização de linguagens, mantendo nosso foco de atenção no som.

VIRUS 06: O que vocês estão chamando de hibridização de linguagens?

Thiago Salas: Falei de hibridização referindo-me a uma arte que mescla linguagens visuais - audiovisuais - com o som à disposição das pessoas e do aparato técnico nos espaços de performance. Pensamos a hibridização dessas linguagens como possibilidade de potencializar uma percepção sinestésica no momento da ação artística. Ação, apresentação, performance.

Eduardo Néspoli: O espaço poético é híbrido. Ele trata de estabelecer relações entre formas sonoras, plásticas e visuais, assim como com gestos de execução e corporeidades. De certo modo, toda arte é híbrida, assim como a memória. A memória articula esses conteúdos e trabalhamos com essa transição entre meios.

Tenho usado o termo Transdução. Passagens entre meios de condução, isto é, memória transformada em gesto, que é, por sua vez, transformado em som, e depois em energia elétrica, etc.

VIRUS 06: Como se dá a colaboração coletiva nesse processo? Parte-se de uma ideia inicial proposta por uma pessoa, ou o conceito inicial já é formulado a partir de discussões do grupo?

Eduardo Néspoli: Há discussões... os conceitos surgem dos sons, das imagens relacionados, não é anterior. A ação inicia-se na exploração da matéria que compõe o espaço. Isto é parte da música, a relação com as matérias para se produzir sonoridades...

Thiago Salas: Penso que talvez possamos descrever os procedimentos que utilizamos na criação artística partindo da construção de um ambiente físico de manipulação de sons. E a partir deste ambiente e da experimentação dele são criadas poéticas de criação.

Eduardo Nespoli: A meu ver trata-se de uma apropriação da cultura material e intelectual.

Lucas Almeida: Geralmente partimos de conversas para sugerir movimentos, sensações ou mesmo gestos que podem servir de possibilidade sonora, para se desdobrarem em novas ideias. Então, o papel da experimentação é muito importante para a criação coletiva, até que

naturalmente, partindo de uma ideia principal que desdobra-se nas seguintes, estruturamos os momentos da música conjuntamente com a performance.

VIRUS 06: Sobre a reflexão sobre processos de criação, gostaríamos de fazer um zoom out: como trabalha a área de estudos da produção sonora, e como se relaciona o trabalho do Aquarpa com os princípios mais comuns da área que o Aquarpa se insere prioritariamente?

Thiago Salas: Trabalhamos no contexto da música contemporânea e misturamos várias técnicas e estéticas desta arte.

Eduardo Néspoli: A arte sonora devolve, de certo modo, a música à arte no sentido da hibridização de meios. Surgem então conceitos como escultura sonora, instalação sonora, música experimental, etc... São conceitos que articulam diversos meios, mas principalmente relações entre o som e o espaço... A arte sonora é mais espacial, e na medida que temos como objetivo alterar a forma do mundo, construindo os instrumentos com materiais não convencionais, estamos criando um processo híbrido...

Thiago Salas: Muito da estética eletroacústica está também presente em nossa música. Muito dos procedimentos ligados à livre improvisação constituem uma boa parte dos recursos utilizados por nós na composição. Esta última, livre improvisação, configura como um procedimento essencial na elaboração das obras do grupo.

VIRUS 06: Vocês consideram que o resultado do trabalho de vocês é música? Vocês vêem diferenças conceituais entre som e música?

Eduardo Nespoli: As sonoridades surgem do embate com as matérias. Parece ser música.... ou arte sonora? O que não é música pura... nem música universal.

Thiago Salas: Através de improvisações livres nós vamos inventariando as possibilidades de extrair sons dos materiais e de relacionar estes sons.

Eduardo Néspoli: Mas dizer que é arte sonora ajuda a diferenciar do processo ocidental, engessado na partitura e na dimensão temporal exclusivamente. A arte sonora é mais imprecisa, mais corporal, espacial, mais colaborativa e menos autoral.

Lucas Almeida: Não deixa de ser música, porém é feita sob outro enfoque que tem como base a improvisação do espaço e dos materiais para se produzir o som. A diferença é que agrega outros elementos estéticos e não lineares para compor sua totalidade.

Thiago Salas: Na arte audiovisual, uma parte do trabalho é focado em música. Essa é a parte em que eu estou trabalhando mais especificamente. É "musica expandida"

Eduardo Nespoli: À vezes chamamos de música experimental. Estes termos se confundem no próprio processo histórico. Eu prefiro arte sonora ou arte sônica, mas música experimental tem sido um termo muito usado, assim como *soundscape*. São formas híbridas.

Há uma visão, muito divulgada nos últimos 500 anos, de "música pura". Estes termos se opõem a esta visão.

Thiago Salas: Acho que os nomes se estabilizam melhor com distanciamento espaço/temporal.

VIRUS 06: Qual a importância dos meios digitais na construção dessa música?

Eduardo Néspoli: O digital traz uma nova oralidade. O computador permite integrar sons e imagens, criar correspondências entre eles e, sobretudo, tornarem manifestações antes "invisíveis" em manifestações visíveis, por via dos sistemas de comunicação.

O computador permite, do ponto de vista musical, trabalhar todo e qualquer som (ruídos) com novos gestos e novas interfaces. Sob o ponto de vista social hoje em dia podemos ver na América latina um grande número de manifestações de auto-produtores, são coletivos buscando espaços de articulação. E as redes sociais cooperam com o processo de trazer à tona os ruídos sonoros do mundo, na forma de arte.

Thiago Salas: Os softwares de processamento digital permitem uma relação interessante entre som e imagem, o que vai interferir também no gesto, na fisicalidade perante esses recursos. O digital integra a imagem com o som permitindo alterações em um por via da manipulação do outro.

Lucas Almeida: Os meios digitais compõem também o aspecto de criação e de *performance*, uma vez que dialogam com a improvisação dos materiais. Temos influência da música eletroacústica de meados do século XX, que caracteriza bem essa inserção digital e tecnológica no projeto.

Thiago Salas: Essa experiência gera novos modos de construção musical, pois percebemos esses dois aspectos sendo modificados em tempo real. Por meio de manipulação de áudio modificamos parâmetros do vídeo e isso gera novas posturas no ato da realização musical. Estimulamos os parâmetros do vídeo e somos estimulados.

Lucas Almeida: Por exemplo, as alterações digitais que ocorrem nas imagens no mesmo momento da *performance*, ocorrem pela própria programação que varia os efeitos de imagem a partir da intensidade e do instrumento que tocamos...

VIRUS 06: Gostaríamos de fazer uma pergunta final para vocês, mais geral. Tendo em mente todo o potencial do que vocês descreveram, a área de estudos da arte sonora, e as perspectivas do Aquarpa, o futuro lhes parece promissor?

Lucas Almeida: Se mantivermos ao longo do projeto um constante crescimento nas experimentações e na construção de instrumentos, acredito que vamos expandir muito as concepções experimentais do som, música e plástica sonora. A partir de criações que possibilitem novas perspectivas na maneira de pensar e de fazer música.

Thiago Salas: A meu ver, sim! Estamos realizando diversos trabalhos e encontrando meios interessantes de confrontá-los com o público. E o gosto pela exploração dos sons e das coisas com que eles se relacionam aumenta a cada nova descoberta.

Eduardo Néspoli: Creio que as pessoas estão tomando algum tipo de consciência sobre a importância do espaço sonoro e dos sons para a vida... Ou para a transformação de um tipo de vida que estamos presenciando neste momento histórico, e creio que revirar os materiais, a cultura material, os espaços, as formas de ação, sejam eventos relevantes para o mundo. É uma forma de micro política que pode ser mais eficaz socialmente. Mas isto não há muito como saber. O que é possível é gerar experiência, microexperiências... Penso que criar interrupções pode ser algo interessante. Wolf Vostell pensou nesta propriedade do som interrompendo acontecimentos, ou gerando novos acontecimentos.

Eu acho isto promissor...

Para podermos expressar ideias relevantes que estamos pensando e usando em nosso processo, e sinto que o Nomads.usp se aproxima bastante de muitas perspectivas que colocamos aqui.

VIRUS 06: Muito obrigado pela entrevista. Podemos continuar essas conversas. Abraços a vocês!

Thiago Salas: Obrigado pela oportunidade de falar um pouco sobre esses assuntos!

Eduardo Néspoli: Agradecemos a oportunidade. Abraço a vocês também, a todos do Nomads...